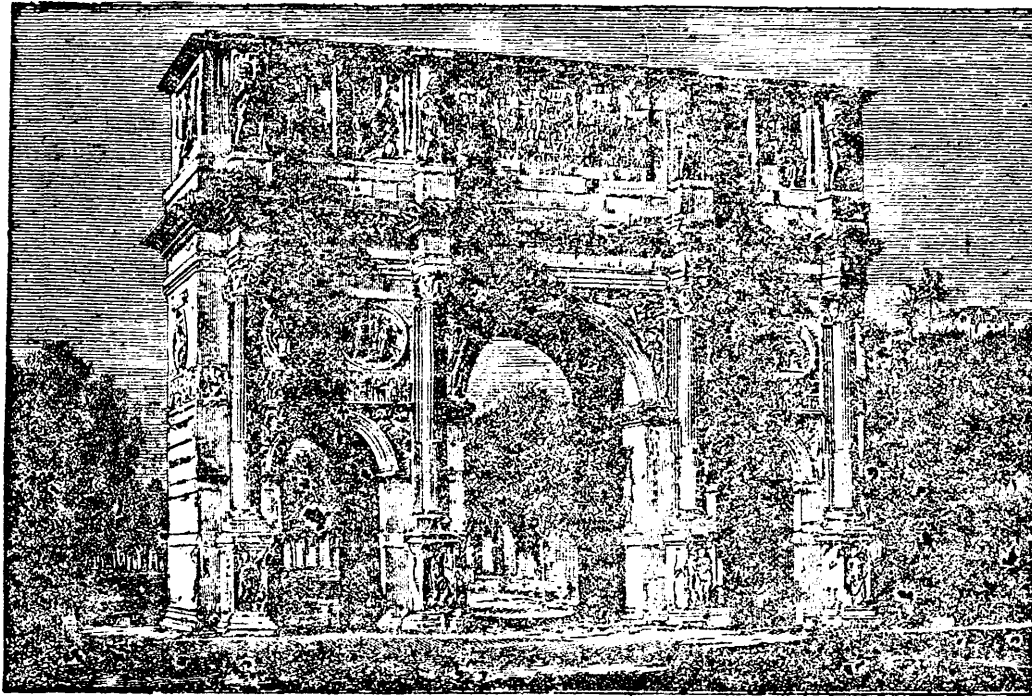


O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Arco do triumpho de Constantino

EXPEDIENTE

O «Progresso Catholico» vae entrar desde já n'uma phase de completa remodelação, de modo a condizer com o lemma glorioso que lhe serve de epigraphê.

Para levar por deante este actual desideratum, a empreza recebeu a adhesão de valiosos elementos jornalisticos, já bem conhecidos, que todos congregados se esforçarão por fazerem do «Progresso» um jornal perfeitamente moderno, bem orientado, rigorosissimo na parte doutrinal, scientifica e litteraria, trazendo sempre os seus leitores ao corrente do actual movimento catholico de todo o mundo.

A pouco e pouco, pois, iremos aperfeiçoando o nosso jornal em virtude de assim o exigirem os trabalhos de expediente, contando nós fazel-o apparecer definitivamente reformado no 1.º de janeiro, ao começar o seu 26.º anno. A empreza do «Progresso Catholico» contã desde já com a valiosa protecção dos seus actuaes assignantes, quer com a maxima pontualidade nos pagamentos das suas assignaturas, quer, grangeando novos subscriptores, o que muito e muito agradece.

Para os snrs. assignantes em divida vão ser mandados saques pelo correio, afim de que possam mais facilmente satisfazer os seus debitos. Para isto espera ainda a empreza o mais benevolo acolhimento, attendendo-se às despezas inadiaveis que tem de cumprir.

Anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição

O Summo Pontifice Pio X escreveu uma carta aos Cardeaes que constituem a comissão nomeada para promover as festas do quinquagesimo anniversario da definição dogmatica do Mysterio da Immaculada Conceição, acompanhada d'uma oração, composta por Sua Santidade, em honra da Santissima Virgem.

Essa carta é do teor seguinte:

Aos nossos amados Filhos Vicente Cardeal Vannutelli, Mariano Cardeal Rampolla, Domingos Cardeal Ferrata, José de Calasancio Cardeal Vives.

Senhores Cardeaes. Se é obrigação Nossa olhar sempre como um thesouro os documentos e exemplos, que Nos legou o Nosso augusto predecessor Leão XIII, de santa memoria, é o d'um modo especial n'aquillo que diz respeito ao augmento da fé e da santidade dos costumes. Para este fim, adherindo ao sentimento dos fiéis de todo o mundo para que seja celebrado com extraordinaria solemnidade o quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição, o venerando Pontifice nomeou, no mez de maio passado, uma comissão cardinalicia, encarregada de ordenar e dirigir os preparativos convenientes para comemorar, de uma maneira digna, o fausto acontecimento. Nós, movido dos mesmos affectos para com a Santissima Virgem e convencido de que, nas dolorosas vicissitudes dos tempos presentes, não nos restam outras consolações senão as divinas, e entre ellas a poderosa intercessão da bemaventurada Virgem, que foi em todos os tempos auxilio dos christãos, confirmamos, senhores Cardeaes, as vossas nomeações para aquella comissão, certo de que o exito mais brilhante virá coroar os vossos esforços, graças tambem ao concurso das illustres pessoas, que acrescensam aos seus meritos o de se pôrem inteiramente á vossa disposição para cumprirem com pontualidade as vossas decisões.

Digne-se o Senhor ouvir n'este anno jubilar as supplicas que os fieis lhe dirigirão, tomando por intercessora a Virgem Immaculada, chamada pela Trindade augustissima a participar em todos os mysterios de misericordia e de amor e constituida dispensadora de todas as graças!

N'esta terna esperança, cordealmente vos concedemos, senhores Cardeaes, a Benção apostolica.

Vaticano, 8 de setembro de 1903.

Pio PAPA X.

Oração

Virgem Santissima, que agradastes ao Senhor e fostes sua Mãe, immaculada no corpo, na alma, na fé e no amor: n'este Jubileu solemne da proclamação do dogma que vos annunciou ao mundo inteiro concebida sem peccado, volvei benigna, por piedade, os olhos para os infelizes que imploram o vosso poderoso patrocinio! A serpente maligna, contra quem foi lançada a primeira maldição, continua teimosamente combatendo e tentando os miseros filhos de Eva. Ela, bendicta Mãe, Rainha e advogada nossa, que desde o primeiro instante da vossa conceição esmagastes a cabeça do inimigo, acolhei as supplicas que, a vós unidos n'um só coração, vos pedimos apresenteis perante o throno do Altissimo para que nunca caiamos nas embuscadas que se nos preparam, para que todos cheguemos ao porto de salvação, e no meio de tantos perigos a Igreja e a sociedade cantem de novo o hymno do resgate, da victoria e da paz.

A todos quantos disserem esta oração concedemos trezentos dias de indulgencia.

Vaticano, 8 de setembro de 1903.

Pio PAPA X.

ESTUDOS

O Parocho

Disse Deus a Moysés: Falla aos sacerdotes, filhos de Arão, e dize-lhes: Os sacerdotes serão sanctos para o seu Deus e não mancharão o seu nome; porque elles offerem o incenso e os pães ao Senhor, e por isso serão sanctos.....

«Elles offerem os pães da proposição. Sejam pois sanctos, porque tambem eu sou sancto, eu que sou o Senhor e os sanctifico.» Se Deus exigia esta sanctidade nos sacerdotes da antiga lei, que só offerciam o incenso e os pães, qual não exigirá nos sacerdotes da lei nova, cujo ministerio é mais proprio dos anjos, que dos homens, por isso que offerem a Deus, o Santo dos Santos, Aquelle que é victima de propiciação pela salvação do mundo?

E, se todos os ecclesiasticos devem ser exornados das mais preclaras virtudes, muitas mais se requerem no clero parochial, como particularmente encarregado de dirigir os povos pelos caminhos do Senhor.

Um bom parocho é o maior beneficio, que Deus pôde fazer a uma parochia; assim como não pôde mandar-lhe maior castigo do que um parocho descuidado, negligente no desempenho de suas obrigações; que seja lobo voraz, em vez de pastor desvelado.

O bom parocho emprega todos seus cuidados na pastoreação do seu rebanho; está sempre vigilante, para que o lobo lhe não assalte o redil; consagra todas suas vigílias á felicidade do seu povo, lembrando-se do que diz S. Paulo: Aquelle que está encarregado de dirigir seus irmãos, esteja sempre vigilante.

Exhorta o Apostolo aos parochos, a velar pelas necessidades do rebanho, que Deus confiou a seus cuidados, e quer que n'este ponto, sejam d'uma sollicitude inexcedivel, pensando dia e noute em prover ás necessidades das almas, que lhe estão confiadas.

O grande Apostolo estava tão compenetrado d'esta verdade que, na Segunda Carta a Thimoteo, instruindo todos os pastores na pessoa d'este santo discipulo, recommenda-lhes a vigilancia, como o primeiro e principal dever do pastor d'almas.

Um parocho não cumprirá pois cabalmente os deveres do seu cargo, se não velar por tudo e constantemente. Se falla n'este ponto, cumprirá apenas uma parte de suas obrigações, o que não é bastante para assegurar a sua salvação.

*
* * *

Por mui exemplar e edificante que seja um parocho, não terá por isso merecimentos perante Deus, se não tractar, com infatigavel vigilancia, de prevenir os escandalos, cortar os abusos, destruir o reinado do demonio e estabelecer o de Jesus Christo.

Deve velar pela salvação das almas entregues á sua sollicitude, pois por ellas terá de responder no tribunal divino; e terrivel sentença lhe será lavrada, se houver sido negligente em promover o bem do seu povo.

E' obrigado o parocho a fazer o bem, porque Jesus Christo nos disse a todos, na pessoa dos Apostolos: Eu vos estabeleci, para que deis fructo permanente.

O parocho, que se não importa com as necessidades do seu povo; que descursa sua salvação, abandonando-o ás suas paixões, é só parocho no nome, e sua indiferença será punida severamente por Deus. Pelo contrario, o que é exacto no cumprimento de seus deveres, e se quer salvar, sanctificando os outros, esse é vigilante, não se descuida um só momento das obrigações do seu ministerio.

O parochio deve ser vigilantissimo, por que a desordem produz-se e o bem desaparece com summa facilidade. E' uma sentinella posta por Deus em uma parochia, para vigiar por tudo e por todos, não descurando nada que esteja debaixo da sua alçada.

Deve cuidar da sua Egreja, para que seja uma casa digna de Deus; dos doentes, para não lhes faltarem os soccorros espirituaes e temporaes; dos pobres, para que seja alliviada a sua penuria; dos peccadores para reconduzil-os ao caminho de Deus; dos justos, para que sejam perseverantes: deve emfim cuidar de tudo, que diga respeito á salvação das almas e á administração da parochia.

*
* * *

Deve o parochio brilhar, como um astro, para esclarecer o povo, no meio das trevas da vida, e dar a todos exemplos de edificantes virtudes. Deve ser um anjo de paz, mantendo a boa ordem, compondo as desavenças, impedindo a discordia nas familias, reconciliando os que não andarem harmonisados, espalhando emfim, a mãos largas, e quanto lhe fôr possível, o bem por toda a parte.

Devem finalmente os parochios, para atrahirem sobre si e sobre seus parochianos, as benções de Deus, attender mais á sanctificação dos povos, do que aos proprios lucros temporaes; e empregarem todos seus cuidados para estabelecerem entre seus parochianos o reinado de Jesus Christo, unico meio de alcançar lhes a felicidade na vida presente e na futura.

José Victorino Pinto de Carvalho,
Abade de Mancellos.

LITTERATURA

Fragmento da «Cathedral»

Mas Durtal não o escutava; longe de toda esta exegese monumental, elle admirava esta espantosa egreja sem mesmo procurar analysal-a.

No mysterio da sua sombra ennevoada pelo negrume das chuvas, ella subia cada vez mais clara á medida que se elevava no céu alvaco do das suas naves, alteando-se sempre como a alma que se depura em uma ascensão de claridade, quando escala as vias da vida mystica.

As columnas amontoadas desfiavam-se em delgados feixes, em finas gavellas, tão frageis que se esperava vê-las dobrar-se ao menor sopro, e só em alturas vertiginosas é que estas hastes se curvavam, juntando-se de novo, lançadas d'um extremo da cathedral ao outro por cima do vacuo; então enxertavam-se umas nas outras, confundindo a sua seiva, desabrochando afinal, tal qual em uma corbelha, nas flôres desdouradas das chaves de abobada.

Esta basilica era o supremo esforço da materia, procurando alijar-se, deitando fóra, como se fóra um lastro, o peso enfraquecido dos seus muros, substituindo-os por uma substancia menos pesada e mais lucida, suppiantando a opacidade das suas pedras pela epiderme diáphana dos vidros.

Ella espiritualisava-se, fazia-se toda alma, toda oração, quando se arremeçava para o Senhor afim de o tornar a encontrar; leve e gracil, quasi imponderavel, era a expressão mais magnifica da belleza que se evade da sua ganga terrestre, da belleza que se angelisa.

Era delgada e pallida como as virgens de Rogerio Van der Weyden que são tão filiformes, tão franzinas que se esvaeriam se não estivessem de algum modo retidas aqui pelo peso dos seus brocados e vestidos. Era a mesma concepção mystica d'um corpo em fuso, todo esguio, e d'uma alma ardente que, não podendo desembaraçar-se completamente d'esse corpo, tentava depural-o, reduzindo o, adelgaçando-o, tornando-o quasi fluido. Ella assombrava com o vôo desvairado das suas abobadas e o louco esplendor dos seus vitraes.

O tempo estava nublado, e comtudo toda uma fornalha de pedrarias ardia nas laminas das ogivas e nas espheras abrazadas das rosaceas.

Lá em cima, no espaço, semelhando salamandras, seres humanos com rostos em ignição e vestidos de brazas viviam em um firmamento de fogo; mas estes incendios achavam-se circumscriptos e limitados por uma moldura incombustivel de vidros mais carregados que repellia a alegria juvenil e manifesta das chammas, por esta especie de melancholia, por esta apparencia de lado mais serio e mais edoso que desprendem as côres sombrias. O halali dos rubros, a segurança limpida dos claros, a alleiua repetida dos amarellos, a gloria virginal dos azues, todo esse fóco trepido dos vitraes se apagava quando se approximava d'esta cercadura tingida com ferrugem de ferro, com violetas de grés, com verdes de garrafa, com castanhos de isca, com negros de fuligem.

E assim como em Bourges, cujos vitraes são da mesma epoca, a influencia do Oriente era bem visivel nos paineis de Chartres. Além de que as personagens tinham o aspecto hieratico e o porte sumptuoso e barbaro das figuras da Asia, os quadros pelo seu desenho, pelo arranjo dos seus tons, evocavam a recordação dos tapetes persas que haviam certamente fornecido o modelos aos pintores, porque é sabido pelo «Livro do Officios», que no seculo XIII se fabricavam em França mesmo em Paris, tapetes imitados dos que foram trazidos do Levante pelos Cruzados.

Mas, á excepção dos assumptos e das molduras, as côres d'estes quadros não eram, por assim dizer, senão vassallas accessorias, senão servas destinadas a fazerem realçar uma outra côr, o azul, um azul esplendido, extranho e singular de saphira rutilante, extra-lucido, um azul claro e agudo que brilhava por toda a parte, scintillando a chamma azulada do enxofre, como em vidros movidos de kaleidoscopio, nos vitraes, nas rosaceas dos transeptuns, nas janellas do portico real, onde elle se accendia por debaixo das gradarias de ferro negro.

Em uma palavra, com as tintas das suas pedras e dos seus vitraes, Nossa Senhora de Chartres era uma loura de olhos azues. Personificava-se, pois, em uma especie de fada pallida, em uma Virgem franzina e esguia, de grandes olhos ceruleos abertos nas palpebras em claridade das suas rosaceas. Era a Mãe d'um Christo do Norte, d'um Christo de Primitivo de Flandres, dominando no azul d'um céu e contornada, como com uma recordação tocante das Cruzadas, por estes tapetes orientaes de vidro.

E estes tapetes diaphanos eram ramos de flôres, rescendendo ao sandalo e á pimenta, exhalando os perfumes das subtis especiarias dos Reis Magos; eram uma florescencia perfumada de nuances colhidas, á custa de tanto sangue! nos prados da Palestina, e que o Occidente, que os trouxera, offerecia á Madona, sob o frio clima de Chartres, como em lembrança d'esses paizes do sol onde Ella viveu e onde o seu Filho quiz nascer.

—Aonde ençontrar para a nossa Mãe um mais

grandioso escritorio, um mais sublime relicario? exclamou o abade, designando com um gesto a nave.

(TRAD. DE B. DA COSTA PEREIRA)

J. K. HUYSMANS.

GALERIA DE ESCRIPTORES CATHOLICOS



Joris Karl Huysmans

(Duas palavras sobre a sua obra)

Dá-se, em geral, nós espiritos superiores, lucidos e penetrantes, que não se subjeitam a um cego sectarismo, mergulhado no erro, um retorno para a luz da verdade.

Sob a acção da *graça divina*, umas vezes, esse retorno é rapido; outras vezes, segue uma lenta evolução que vae pouco e pouco trazendo ao recto caminho da virtude, que os vae esclarecendo e illuminando, semelhante ás trevas da noite que fogem ante os clarões, cada vez mais intensos, da alvorada.

Foi este ultimo retorno que se deu no grande espirito de Joris Karl Huysmans.

Huysmans, o illustre descendente d'uma familia holandeza de pintores, na sua phase acatholica, sem que fôsse aggressivo para a Igreja, seguiu a escola de Zola. Mas uma radical differença distanciava estes dois espiritos, então nos abysmos do erro: o espirito de Zola não tinha ideal, ou se o tinha estava adormecido pelo sensualismo dos brutos; Huysmans já, nas suas obras peores, mostrava as tendencias do seu espirito para as concepções superiores do bello e librava a sua potente imaginação d'artista ás regiões do Ideal.

A lenta evolução do seu espirito para a verdade, a sua volta ao seio da Igreja, as luctas intimas e as interrogações do seu espirito atribulado e inquieto, sob a influencia do toque da graça, patenteia-a, elle mesmo, nos seus romances, que são, por assim dizer, a historia da sua conversão, especialmente o *En Route*.

Marca o «*En Route*» já a phase catholica do illustre asylado da Trappa. Note-se que, sob o influxo da Fé, o notavel escriptor adquiriu vistas muito mais largas, grandiosos horisontes se lhe deparam sob o calor da crença, expande se, em todo o seu esplendor, a sua alma de artista.

Exemplo formidavel, extrema confusão d'aquelles que fazem a apologia do romance de monturo, é a notavel conversão d'este antigo seguido do desgraçado auctor do «*Lourdes*», «*Paris*» e «*Roma*».

O «*En Route*», onde brilha o mysticismo; a «*Cathédrale*», onde se patenteia a symbolica; e o «*Oblat*», onde a liturgia sobresahe, formam a corôa de gloria de Huysmans, a luminosa trilogia, onde se apresenta em toda a sua grandeza o acto de fé, sincero e ardente, da sua alma de artista.

Para terminar estas desataviadas linhas só temos de calorosamente felicitar o snr. B. da Costa Pereira, que nos honra com a sua amizade e que foi nosso condiscipulo nos bancos da Academia Polytechnica. Só o temos a animar por ir trasladando no mais vernaculo portuguez, vencendo brilhantemente as numerosas difficuldades da traducção, a obra de Joris-Karl Huysmans.

E' um relevante serviço que presta, por diffundir uma obra que se recommenda pela sã doutrina que expõe, e pela perfeição litteraria, já do illustre auctor da admiravel «*Vida de Santa Lydwina*», já pelo elegante traductor do «*A Caminho*».

Hoje, quem seguir o nobre exemplo do snr. B. da Costa Pereira, é digno de todo o louvor, para contrariar e contrabalançar a nefasta influencia de romances de cano de esgoto e gravuras pornographicas que profusamente se patenteiam nas estantes dos livreiros, prevenendo e atrophiando a mocidade.

Na nossa humilde opinião, aconselhamos a leitura das formosas traducções do nosso antigo condiscipulo, da grande obra de crente e de artista, da obra de Huysmans, o notavel converso, asylado na Trappa.

ANTONIO J. D'ALMEIDA C. LEMOS FERREIRA.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Outubro
1
1903

Faz hoje 1370 annos, que falleceu em Reims, onde foi arcebispo, S. Remigio, que havia nascido em Cerny (Aisne), no anno 437. Em 496, baptizou em Reims, o celebre guerreiro Clovis, chefe ou rei dos francos. O santo arcebispo, depois de o converter á lei de Christo, dirigiu-lhe estas palavras:—*Curva a fronte, altivo Sicambro; adora o que tu queimaste; queima o que tu adoraste.* Foi em memoria d'este baptismo, que todos os reis de França, desde Philippe II, ou Philippe Augusto até Carlos X foram sagrados em Reims, exceptuando apenas Henrique IV, Napoleão e Luiz XVIII. E' hoje que a Igreja celebra a festa de S. Remigio.

Humorismo:

Uma mulher foi ao tribunal procurar o juiz.

—Que me quer, boa mulher?—pergunta o juiz.

—Queria perguntar a V. Exc.^a se posso metter o meu marido na cadeia?

—Então elle que lhe fez?

—Esbofeteou-me, depois de me ter insultado.

—E tem testemunhas?

—Tenho, sim senhor. Trez ou quatro se forem precisas.

—N'esse caso, póde. Trata-se de sevicias, e o codigo é claro.

—Então eu venho cá d'aqui por um mez fazer a minha queixa.

—Mas porque não ha de ser já?—pergunta o juiz.

—Não póde ser já, porque eu, quando elle me bateu, quebrei-lhe uma terrina na cabeça. Elle foi para o hospital, e diz o medico que só d'aqui por um mez é que póde sair.

*

Durante as campanhas da guerra peninsular, havia um coronel que se embriagava ameudadas vezes.

Napoleão mandou-o chamar á sua presença.

—Meu caro coronel,—lhe disse,—consta-me que bebes demasiado, e isso não convém a um militar.

—Meu imperador—respondeu elle—, eu bebo sempre á vossa saude, e pela vossa saude nada é demasiado.

Curiosidade historicas:

Os antigos reis tinham sempre, como fazendo parte do seu sequito, uns *bufos* de profissão, que serviam para os distrahir com os seus gracejos e momices. Chamavam-se *bobos*. Alguns grandes tambem possuíam essas entidades de luxo.

Eram de ordinario anões e mal feitos, e usavam um trajo grotesco. Eram verdadeiros clowns, divertindo a côrte com as suas chocarrices e jogralidades. Em França datavam do tempo de Carlos Magno.

Entre os bobos mais conhecidos em França, citam-se Triboulet, bobo de Luiz XII, Caillette bobo de Francisco I, Brusquet de Henrique II, Chicot de Henrique III e Angely de Luiz XIV. Em francez eram denominados *fous de cour*, (loucos da côrte). Chegou até a loucura a consentir *loucas*, n'estes exercicios de jograes.

E já que fallamos em loucos, não vem fóra de proposito, fallarmos aqui das antigas *festas dos loucos*, que se celebravam na epocha da Epiphania, e que consistiam em disfarces, dansas, cantos e jantares, tudo celebrado dentro dos templos. Em certas cidades de França, duravam trez dias, que se seguiam á festa do Natal, e por isso se denominavam a *festa dos Innocentes*. Condemnada desde o seculo XII, pela parte mais illustrada do clero, principalmente em 1196 por Mauricio de Sully, bispo de Pariz, foi afinal reprimida pelo concilio de Bâle em 1435.

Apezar, porém, de todos esses esforços, ainda essa usança subsistiu por mais algum tempo, em diversas dioceses, talvez por ser resto das saturnaes e lupercaes antigas, e só terminou pelo anathema com que foi fulminada em 1566 no concilio de Lyon.

Versos escolhidos:

Padre nosso que estaes no céo, profundo, immenso,
Tendo a todo o infinito em vosso olhar suspenso,
Santificado seja o vosso nome, ó Deus!
Venha a nós vosso reino, o reino ideal dos céos,
Seja feita, Senhor, vossa vontade, assim
Na terra, humilde pó, como nos céos sem fim.
O pão nosso de cada dia, ó Padre, nos dáe hoje,
Perdoae-nos, Senhor, emquanto a paz não fuge
Nossa divida, assim como por vosso amor
Nós perdoamos tambem ao nosso devedor,
Não nos deixeis, Senhor, da vida no certamen
Cahir em tentação, livrae-nos do mal... amen.

FERNANDO CALDEIRA.

Cantemos, cantemos,
Com grande alegria,
Em honra da Virgem,
Uma *Avé—Maria*

Sois cheia de graça,
O Senhor é convosco,
D'essa graça infinda,
Reparti comosco.

Vá longe de nós,
Fabulosa Céres!
Bem dita sois Vós,
Entre as mulheres.

Bem dito é o fructo
Que é Fruto de luz;
Foi do vosso ventre
Que nasceu Jesus.

A' Santa Mãria,
Mãe de Deus, louvores!
Rogue cada dia
Por nós, peccadores.

Para nós, Senhora,
Sêde escudo forte,
Agora e na hora,
Lá da nossa morte!

Ponhamos na cruz
Nossa esperança e fé;
Amen, Jesus,
Maria, José.

SARA.

Salvé Rainha!

Mãe de Misericordia, nossa vida,
esperança e doçura, ouve estes brados
dos pobres filhos d'Eva, os degredados,
n'este valle de lagrimas e abrolhos!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
pharões de santa luz,
advogada nossa, e apoz tamanhas
penas, miserias, maldição d'um erro,
ao cabo do desterro,
oh! mostra-nos Jesus,
filho das tuas virginaes entranhas!
E, dignos das promessas do Senhor,
consegue-nos a paz e o seu amor!

THOMAZ RIBEIRO.

A Virgem do Pilar! Ave Maria!
Ave Maria, estrella matutina!
O' lagrima de angustia e de alegria,
Lirio branco, celeste peregrina!
Na aurora, ao pôr do sol, no mar, na terra

Que fóra da mulher sem ti, no mundo?
Vae apegar-se ás dobras de teu manto
A que tem um filhinho moribundo,
Invocando o teu nome sacrosanto!
Ave, Maria, ó mãe dos affligidos!
Ave, Maria, ó balsamo do pranto!

Entre nuvens de incenso do thuribulo
Acódes e sorris ao desgraçado,
Quando sobe as escadas do patibulo
Quem acredita em ti, amor sagrado,
Não lhe importa morrer—Ave, Maria!
Resuscita em teu seio immaculado!

BULHÃO PATO.

QUESTÃO SOCIAL

Enthusiasmo . . . e desalento

Estão, ao que parece, desalentados os principaes corypheus socialistas. As coisas parece que não correm de feição aos seus desejos e aspirações. Sente-se um mal estar, uma coisa indefinida que os preoccupa e que os intimida.

As *grèves*, levadas a effeito em Portugal e na Hespanha, não deram o resultado que os seus promotores tinham em vista ao realisá-las.

Que resultados praticos deu aqui no Porto a tam esperançosa *grève* dos tecelões?

Historiemos um pouco, e duas palavras bastam.

Os homens ganhavam pouco, e entendiam que os industriaes os exploravam para mais depressa enriquecerem. E para os obrigarem a dar mais salario, resolveram a *grève* geral, vindo todos para a rua. Vendo-se elles obrigados a parar a laboração das fabricas, pensavam os operarios, hão de forçosamente ceder; e a nossa victoria, que é a victoria do socialismo, será completa.

E vieram para a rua. E andaram por ahi semanas inteiras, guardados pela policia, valendo-se do peditorio, das *quêtes*, das subscrições, dos emprestimos, da usura, do crédito á conta do que *depois* haviam de receber. A opinião publica favoreceu-os em principio, uns por mera commiseração, visto que os *grévistas* eram uns infelizes faltos de recursos, outros por não estarem ao facto da questão e penderem naturalmente pelos desprotegidos da fortuna, contra os ricos que julgavam ser exploradores.

Depois a caridade cançou, porque tudo tem fim n'este mundo. Os patrões não chegaram a um accordo. Se uns annuiram em parte ás exigencias do operariado, outros recusaram-se abertamente entrar em transacções.

E qual foi o resultado? Foi voltarem todos ao trabalho, porque os recursos foram faltando, e os credores, que ainda os sustentavam na esperança de serem embolsados, foram retirando a pouco e pouco o credito que lhes haviam concedido.

E hoje estão na mesma, ou ainda em peores condições. E porque? Porque alguns d'elles deixaram de ser admittidos ao trabalho, e por ahi andam gemendo e chorando, nas obras publicas, a ganhar menos do que ganhavam, e a trabalhar mais do que antigamente trabalhavam. E porque, caso quizessem fazer nova tentativa, já não tinham o recurso de appellar para a coadjuvação das outras classes trabalhadoras, porque essas, vendo que falhou o plano primitivo e que nada lucraram, no auxilio moral que lhes prestaram, não acedem a auxiliá-las, prejudicando se a si proprios.

A.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Nomeação honrosa

Acaba de ser despachado conego da Sé d'Angra do Heroismo o nosso bom amigo e correspondente n'aquella localidade, o ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. Padre Augusto Pereira da Silveira. D'aqui felicitamos o nosso querido e illustre amigo, desejando-lhe as maximas prosperidades.

—Realisaram-se os exercicios, ou manobras militares, denominadas do outonno, por ser a quadra mais propria para este genero de *sport*. . . evolucionista. Houve ataques simulados nas sedes das duas guarnições 1.^a, em Lisboa, e 3.^a no Minho.

A ambas ellas assistiu El-rei, acompanhado do snr. infante D. Affonso, ministro da guerra, general commandante da divisão, ajudantes de campo, etc.

O snr. D. Carlos foi muito bem recebido em Vianna, onde se demorou dois dias, durante o tempo das manobras no Minho. Houve grandes e deslumbrantes festejos, e tanto a el-rei como aos viannenses custou a despedida.

Na passagem por esta cidade, onde apenas se demorou tres horas, assistiu el-rei e a respectiva comitiva regia á exposição agricola que se realisou no Palacio de Crystal, e onde o monarcha tambem havia exposto grande numero de objectos de subido valor.

—O celebre Mr. Carton, de quem já fallamos, no numero passado, não realisou afinal senão uma ascensão no seu balão *Portugal*, que, por ser assim mal e indevidamente denominado, teve contra si todo o rigor d'uma verdadeira má sorte.

E assim foi, que, no dia destinado para a segunda ascensão, era tanto e tam violento o vento norte que desde pela manhã soprava, que foi impossivel seguir ninguem dentro da barquinha, pois que seria uma temeridade ir de encontro á lucta dos elementos. E, quando, no domingo seguinte, tencionava—como havia affirmado—, despedir-se do publico portuense, depois do balão já estar cheio, e o aeronauta dentro com mais dois amigos, formou-se um tu-fão de vento, que, dando com o balão n'uma das arvores da avenida do Palacio, o arrombou.

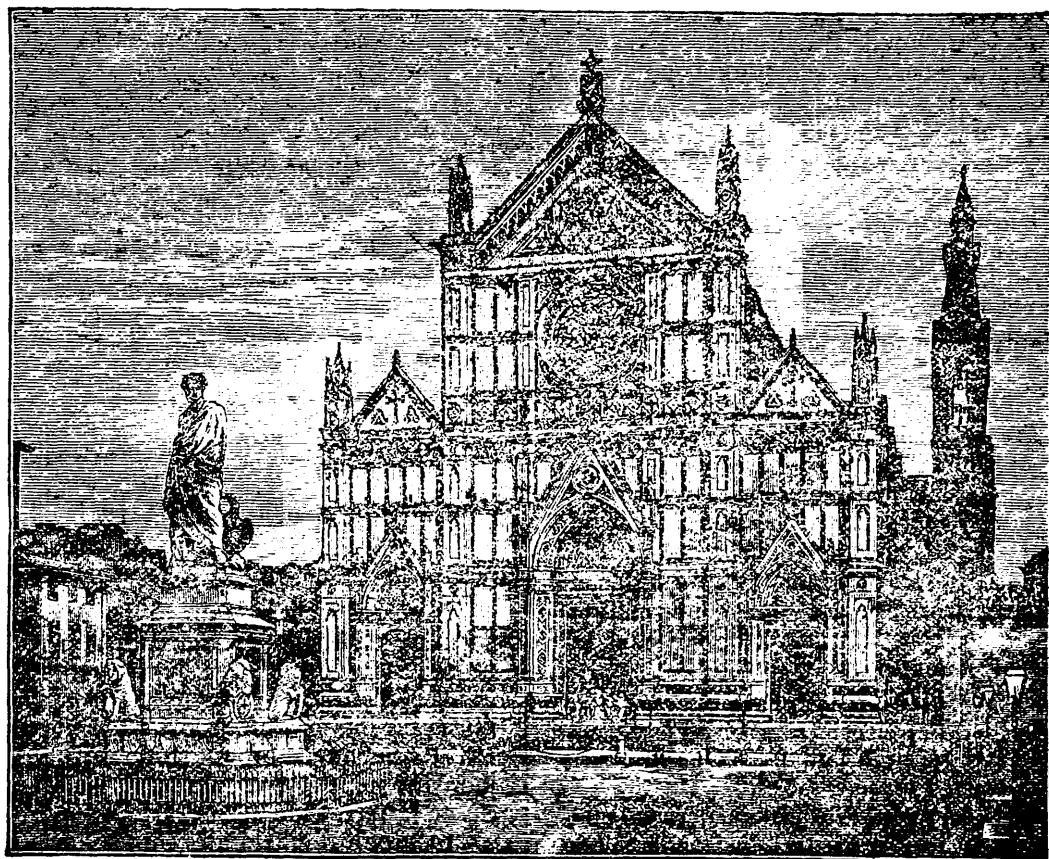
E era d'uma vez um balão, uma ascensão e um aeronauta.

—Estamos, como aconteceu em 1875, com duas feiras de S. Miguel, n'esta cidade do Porto. Quando, depois d'uma lucta porfiada entre a camara municipal e os feirantes, se julgava que não haveria feira este anno, eis que surgem logo ao mesmo tempo, nada mais nem menos do que duas. Uma d'ellas fica na antiga rotunda da Boavista, a leste do cemiterio d'Agramonte, no local onde ha annos se erguia o Colyseu, e em terreno particular, visto não poder a feira realisar-se no antigo local, por estar actualmente ajardinado. A outra feira, realisa-se por ordem da camara municipal, nas proximidades de Paranhos, n'um local, chamado a *Arca de Agua*. Como, porém, este ponto esteja muito distante do centro da cidade, e não tenha linha americana, que a sirva, é muito menos concorrida esta feira, e tem muito menos quantidade de barracas que a outra.

Ainda assim, como ha sempre gente para tudo tem tido concorrência.

Exterior

Tem fallado muito os jornaes nas luctas entre a Macedonia e a Turquia, e na grande mortandade que alli tem havido, na lucta entre os turcos e os christãos. Referem-



Basilica de Santa Cruz em Florença

se também os jornaes diariamente á situação dos Balkans, e ás gravissimas questões que ahí teem surgido, a que, segundo parece, não são indifferentes as potencias europeas que não podem nem devem ficar de braços cruzados, em face da mortandade que teem soffrido os seus naturaes.

Como, porém, nem todos conheçam a fundo a situação geographica d'estas localidades, vamos dar uma ligeira noção, para conhecimento dos nossos leitores.

Dá-se o nome de Balkans, ao agrupamento dos paizes ao sueste da Europa, isto é: Bosnia, Servia, Bulgaria, Montenegro, Romania, Herzegovina, Grecia e Turquia.

Quanto á Macedonia, propriamente dicta, é um estado que foi muito notavel na antiguidade, mas que deixou de existir em 1204, quando, depois de invadida pelos barbaros, tomou o nome de reino da Thessalonica, e hoje comprehende tres governos: *Uskioup*, *Monastir*, e *Salonica*, formando tudo a Romelia oriental.

As principaes mortandades teem sido no districto de Monastir.

—Em consequencia da chegada d'um vapor, procedente da India, com um grande carregamento de trapo, destinado a uma fabrica de papel, desenvolveu-se a peste bubonica em Marselha, tendo já morrido algumas pessoas, e conservando-se outras enfermas. Como, porém, a fabrica foi logo incendiada, em consequencia de muitos ratos mortos que lá se encontraram, e tanto o vapor como os doentes foram immediatamente isolados, é de crer que a epidemia se não alastre.

No Rio de Janeiro, também, segundo as ultimas noti-

cias, a peste tem recrudescido, havendo muita gente atacada. Deus affaste de nós semelhante calamidade.

—A proposito da exaltação de Pio X ao solio pontificio, publica o seguinte um jornal italiano:

«Relativamente á patria de Sua Santidade—que, como todos sabem—é Riese, diocese e provincia de Treviso, no antigo reino lombardo-veneziano, encontramos que é o oitavo pontifice que a formosa Veneza tem dado á Igreja Romana.

Os seus predecessores foram:

Benedicto XI (Boccasini), filho d'um escrevente de Treviso, foi eleito papa a 27 d'outubro de 1303, succedendo ao pontifice Bonifacio VIII. Morreu em Perusa a 6 de Julho de 1304 na idade de 63 annos, e está sepultado na igreja de S. Domingos d'aquella cidade.

Gregorio XII (Angelo Corrario) da illustre familia veneziana de *Cornaro*, eleito pontifice a 30 de novembro de 1406, renunciou em 1409, e morreu em 18 de outubro de 1417, na idade de 92 annos, em Recenati, onde jaz sepultado.

Eugenio IV, da familia patricia dos Condolmere de Veneza, e sobrinho de Gregorio XII. Foi eleito Papa a 31 de março de 1431, e morreu depois de 15 annos de governo, em 23 de fevereiro de 1447. Está sepultado na igreja de S. Salvador *in Lauro* em Roma.

Paulo II (Pedro Barbo), nobre veneziano, filho de Polisenia Condolmere, irmã de Eugenio IV, e sobrinho de Gregorio XII. Foi eleito Papa a 30 de agosto de 1464, morreu em 1471, e jaz sepultado em S. Pedro de Roma.

Clemente XIII, oriundo de Cômô, nasceu em Veneza, da familia Rezzonico, succedeu no pontificado a Benedicto XIV, em 6 de julho de 1758, e morreu a 28 de fevereiro de 1769, na idade de 75 annos. Está sepultado em S. Pedro, sendo o seu tumulo uma das mais grandiosas obras de Canova.

Gregorio XVI (Mauro Capellari de Belluno), foi eleito pontifice a 2 de fevereiro de 1831, e falleceu a 1 de junho de 1846. Jaz sepultado em S. Pedro de Roma.

—Pio X recebeu pela primeira vez, no domingo de tarde, uma peregrinação franceza, composta de 200 fieis, os quaes vão a Jerusalem.

Pio X dirigiu-lhes um breve discurso em francez. Como Sua Santidade declarou, era a primeira vez que fallava aquella lingua em publico.

Felicitou os perigrinos pela ventura de visitarem Jerusalem, e exprimiu-lhes o desejo que tinha de venerar elle proprio o Santo Sepulcro. Pediu-lhes que orassem pelo Papa, pela Igreja e pela França, que era a querida do seu coração e pela qual rogava todos os dias. Depois desejou-lhes uma feliz viagem, abençoando-os.

—Pio X continúa na sua attitude independente, ordenando que se acabem certas severidades de etiqueta. Tambem deu ordens para se construir uma sala de jantar espaçosa nas habitações pontificaes.

Recentemente, um dos camaristas chamou-lhe a attenção para o costume dos Papas comerem sós. Pio X respondeu-lhe: «Hoje farei servir o jantar para quatro, pois convidei os secretarios».

—Na semana finda houve no Vaticano uma scena muito enternecedora n'um dos aposentos particulares do actual Pontifice.

Pio X recebia sua extremosa mãe e irmãs! O Pontifice, retendo a custo as lagrimas, abraçou a sua mãe, que tambem chorava copiosamente.

As irmãs então, essas tinham-se lançado aos pés e abraçando-o pela cinta, pediam-lhe com voz embargada pelos soluços a benção apostolica para ellas e para os seus filhos.

Em seguida, o Santo Padre levanta-as, e abraçando-as e beijando-as carinhosamente, fê las sentar a seu lado do mesmo modo que sua mãe.

A entrevista foi longa e das mais affectuosas que se podem imaginar.

Na despedida, tornou o Pontifice a amostrar-lhes os thesouros d'amor e ternura que lhe opulentam o coração.

E' verdadeiramente um coração de caridade! *Ignis ardens!*

—Vamos ampliar ainda a noticia sobre a apparição da peste bubonica na cidade franceza de Marselha.

Não ha duvida alguma em que ella foi importada n'uns papeis que vieram do Oriente para uma fabrica de papelão.

Entre os fardos de papel que foram desembarcados encontraram-se muitos ratos mortos.

Os cadaveres dos atacados não deixam duvida alguma sobre o character da peste, pois apparecem cobertos de terribes bubões.

Os atacados são alojados no hospital de S. Salvador, que fica nos arrabaldes da cidade. Os parentes dos doentes que com elles habitavam são tambem, no mesmo estabelecimento, submettidos a uma rigorosa observação.

O secretario da prefeitura, sr. Dautresme, tendo chamado pessoal leigo para o serviço do hospital, em vão o fez, pois este recusou-se a servir no pavilhão dos pestiferos.

Teve de recorrer ás irmãs de Santo Agostinho que se prestaram immediatamente a tal serviço, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Eis para o que servem as irmãs, Nem sempre rezam.

—Em consequencia d'um escandalo em que a policia se accusa mutuamente, o governador de Madrd destituiu os chefes dos dez districtos e todo o pessoal da policia, encarregando os chefes do corpo da ordem publica das funcções policiaes.

Os novos delegados de policia tomaram já posse dos seus cargos. O governo dispõe-se a empregar a maior energia contra os culpados, e está aberto um inquerito publico, por oito dias, ácerca do procedimento dos membros superiores da policia.

Os agentes inferiores continuám a prestar serviço.

O chefe da policia judiciaria foi suspenso do seu emprego.

Os escandalos consistiam em burlar o Banc de Hespanha.

AS NOSSAS GRAVURAS

Basilica e convento da Estrella, em Lisboa

(Vide n.º anterior)

A nossa piedosa rainha, D. Maria I, fizera o voto solenne de mandar erigir um sumptuosissimo templo ao Sagrado Coração de Jesus, se obtivesse successor á corôa; realisados os seus desejos, inauguraram-se as obras no dia 24 de outubro de 1779, e 11 annos depois, em 15 de novembro de 1790, era concluido este arrojado monumento, dando-se posse d'elle ás monjas de Santa Thereza de Jesus.

O amplo edificio alevanta-se ao meio d'um bellissimo adro, cujo accesso se faz por meio d'uma espaçosa escadaria rodeada de columnatas. A fachada é formosissima e elegante, traçada no estylo Renascença. Tres portas dão entrada para o templo, entre as quaes se levantam quatro columnas, sobre que se elevam as estatuas da Fé, Adoração, Liberalidade e Gratidão, e aos lados em nichos as de Santa Thereza de Jesus, Santo Elias, Santa Maria Magdalena de Pazzi. No envazamento das torres abrem-se duas outras portas que dão entrada para o convento.

O zimbório é realmente bello, não só pela elegancia das formas, como pela perfeição do córte e do assentamento da cantaria, sendo por estas duas qualidades um modello notavel de construcção e um bello exemplar architectonico.

O panorama, que se desfructa da varanda do lanternim, é surprehendente. Ao norte, as cristas recortadas da serra de Cintra; ao sul, a Arrabida; na base o vasto estuario do Tejo e tres quartas partes da cidade. Vale a pena subir a estreita escada de caracol, talhada no massiço da construcção, para se gosar aquella esplendida paisagem.

As suas torres moldadas pelas da basilica de Mafra, bellissimas como são, comportam onze sinos dos quaes o maior pesa 275 arrobas.

O vestibulo da igreja é adornado pelas estatuas de Nossa Senhora e S. José, e as paredes e o pavimento do templo acham-se revestidas d'uma variegada collecção de marmores que produzem um effeito bellissimo.

Na capella-mór, admiram-se dois anjos de aprimorado labor, e póde ver-se ainda o tumulo da sua soberana fundadora.

Os seis altares do corpo da basilica acham-se decorados por quadros d'um grande valor d'arte, sendo um d'elles, o do Coração de Jesus, pintado pela princeza do Brazil, D. Maria Benedicta.

Toda a obra de esculptura no interior foi feita por

Joaquim Machado de Castro, o celebre auctor da estatua equestre de D. José I.

Este grande monumento nacional, este padrão immorredouro da piedade d'uma rainha portugueza, importou em cerca de 4000 contos de reis.

Aguas Boas, estabelecimento balnear em França

(Vidé n.º anterior)

Actualmente, em plena epoca balnear como estamos, não é fóra de proposito reproduzir-se no nosso jornal por meio de gravura o grande estabelecimento balnear de França denominado de Aguas-Boas.

A erecção d'este vasto e elegante estabelecimento data de 1856 e foi feito no proprio lugar onde brota a agua medicinal, costeando hoje uma das principaes ruas da povoação. A estas aguas concorrem muitos banhistas da Hespanha e da America. O viajante que de Portugal quizer ir a estas aguas terá de atravessar os Pyrineus em caminho de ferro até Pau e d'ahi em carruagem até ás thermas n'uma distancia de 44 kilometros.

Aguas Boas tem actualmente magnificos hotéis e os seus visitantes passam allí o tempo admiravelmente, pois as suas cercanias são d'um pitoresco rival da Suissa.

Arco de triumpho de Constantino

Quando ha bem pouco todas as atencões do mundo catholico se achavam voltadas para Roma, não é ainda extemporaneo reproduzir-se por meio da gravura um monumento que recorda os tempos aureos da antiga cidade dos Papas.

O arco de Constantino, que se destaca d'entre os outros seus semelhantes pela sua magnificencia, está situado á entrada da Via-Appia, entre o Palatino e o Cælio. Foi levantado este arco pelo senado e o povo para commemorar a victoria de Constantino sobre Maxencio.

Aos lados da triplice arcada perfilam-se elegantes columnas corinthias, canneladas e coroadas por estatuas já corroidas pelo tempo. Os seus baixos relevos apresentam as victorias de Constantino.

E', pois, uma obra esplendida que revela uma arte no auge da sua perfeição, e ao mesmo tempo é um monumento que marca o raiar da aurora do Christianismo, espancando as trevas cerradas do paganismo sensual do mundo antigo.

Basilica de Santa Cruz em Florença

Pelos annos de 1295, principiou a construir-se esta basilica, segundo o plano do celebre architecto Arnolfo del Cambio, terminando em 1442, anno em que foi sagrada pelo Cardeal Bessarion, com a assistencia do Papa Eugenio IV.

O seu interior tem a forma crucial, e a soberba abobada acha-se apoiada sobre graciosas columnatas, rodeando-o innumerous sarcophagos que fazem d'este templo um verdadeiro pantheon.

Ornam-no marmores valiosissimos e os frescos de Giotto; além d'isso, o pulpito com ricos relevos e figuras allegoricas é d'um alto valor artistico.

São dignos de mencionar-se os claustros onde ha capellas d'uma grande belleza architectonica.

Esta Basilica mede 498 pés de comprimento e ergue-se n'um dos mais bellos sitios da cidade.

BIBLIOGRAPHIA

Theologia Moral Universal de Pedro Scavini

E' obrigação da boa imprensa jornalistica annunciar e propagar o bom livro, mórmente quando elle á transcendencia do assumpto reúne a necessidade do momento. Por isso nunca é demais encomiar-se obras que, de summa importancia como são, têm pelo seu alto valor de erudição cabida na estante, não só d'uma classe inteira, mas ainda na do estudioso que segue de perto no remanso do seu gabinete as grandes questões actuaes.

Hoje cabe este direito incontestavel á Theologia Moral Universal de Pedro Scavini.

O elogio d'esta obra está feito por si mesmo, de modo que serão sempre pallidas as ideias que se queiram dar d'um livro universalmente consagrado e d'um auctor universalmente conhecido. No emtanto diremos que a Theologia de Scavini, vasada nos moldes da doutrina do sapientissimo doutor da Egreja, Santo Affonso de Liguori, é a obra theologica por excellencia. Tratando da Moral, como o seu nome o indica, n'este vastissimo ramo da sciencia theologica estuda a natureza do homem para conhecer aquillo de que elle é capaz. Estuda os actos humanos nos seus elementos, nas suas fontes, e nas causas finaes que as determinam; estuda e aprecia a consciencia humana como regra proxima das nossas acções, e depois a lei externa como lei segunda. Confrontando os actos com a lei, classifica de *virtudes* os que se harmonizam com a lei, e classifica de *peccados* os que d'ella destoam: e sobre estes dois pontos a Moral desenvolve-se profundamente. Aprecia a justiça no individuo e nas suas relações sociaes; ensina a regular os contractos segundo as normas da justiça e do direito. Finalmente a Moral estuda e aprecia cuidadosamente os estados particulares, e traça as normas e regras de cada cidadão bem regular os seus actos em ordem a si mesmo, em ordem á sociedade e em relação á vida futura. Tratando dos sacramentos, a Moral não se occupa d'elles como simples actos liturgicos que significam e produzem a graça santificante. Estuda a sua genese e os seus effectos; vinga-os dos ataques dos seus inimigos; demonstra com toda a clareza a sua instituição divina, e prova que esses mesmos Sacramentos, em numero de sete, nem mais nem menos, são perfeitamente accommodados a outras tantas necessidades do genero humano.»

E' este o objecto da «Theologia Moral Universal» de Scavini, que, como se acaba de vêr, é o trabalho mais completo e o melhor ornamento para a estante do clero. Do seu valor intrinseco, dil-o ainda uma carta laudatoria cirigida pelo proprio Papa Pio IX ao seu sabio auctor, e além d'isso, o entusiastico acolhimento que o alto clero luso-brazileiro fizera á primeira edição da traducção portugueza, e em especial a circular em que o fallecido bispo d'Angra, D. João Maria, a recomenlava ao clero da sua diocese.

Vamos dar agora uma rapida synopse da obra. A «Theologia de Scavini» acha-se dividida em doze tratados. O primeiro estuda os *actos humanos e a consciencia*. O segundo contém *as leis*, comprehendendo os *preceitos da Egreja*. O terceiro encerra *as obrigações em especial*, com relação a ambas as sociedades: a religiosa e a civil, e a *dos motivos* que provocam e alliciam o acto humano. No quarto discutem-se *os peccados*. O quinto comprehende *a virtude da religião*. O sexto, *a virtude da justiça*. O setimo, *a restituição*. O oitavo, *as virtudes theologicas*. Do nono até ao duodecimo é tratada toda a materia dos *sacramentos* em geral e em especial.

A empreza, afim de satisfazer á boa regularisação na

impressão da obra, estabeleceu typographia propria, que, pela publicação da 1.^a caderneta, mostra bem que está magnificamente montada. Eis as condições de assignatura: Será distribuída por assignatura em cadernetas de 80 paginas, de 15 em 15 dias, e custará cada caderneta 180 reis, que serão pagos no acto da entrega. Depois de completa, formará 4 grossos volumes de 200 a 100 paginas cada um. Os srs. assignantes da provincia recebel-as-hão pelo correio, franco de porte, e mandarão pagar de 4 em 4 cadernetas. Tambem se recebem assignaturas a volumes. Depois de concluída a obra será augmentado o seu custo. Quem se responsabilisar por 8 assignaturas terá uma gratis.

Ao terminar, proclamamos mais uma vez a alta importancia da obra, que se torna principalmente imprescindivel na bibliotheca do clero, mórmente no momento actual em que se debatem tantas questões que dizem de perto com a sciencia theologica, tornando-se por isso quasi criminosa a minima ignorancia do clero n'estes assumptos, ou ainda descurado o seu estudo.

Ao seu benemerito editor, snr. José Maria d'Almeida, de Vizeu, com o nosso parabem vão ainda os nossos votos sinceros para o bom exito da empreza, a que tem jus.

—Relatorio e contas da direcção do circulo catholico d'operarios de Braga, e parecer do conselho fiscal— gerencia desde 1 de junho de 1902 a 31 de Maio de 1903.»

—O n.º 1 do jornal o «Colibri» que começou a publicar-se no Limoeiro, cidade de Pernambuco.

—*Biblia Sagrada*— com toda a regularidade esta preciosa edição, luxuosamente illustrada. Está em distribuição o fasciculo n.º 108. Já dissemos que esta publicação é auctorizada pelo Em.^{mo} Cardeal Patriarcha, revista pelo snr. Dr. Conego Senna Freitas, commentada e annotada pelo snr. Dr. Santos Farinha, professor de lingua hebraica no Seminario de Lisboa.

Assigna-se e vende-se na Agencia Universal Litteraria, rua de D. Pedro, 116, 1.º andar, e nas livrarias.

—O n.º 9 do segundo anno da revista mensal «Boletim Salesiano» que vê a luz da publicidade em Turim, e se dedica a propagar as obras de D. Boaco.

Traz um bello retrato de Pio X.

—O n.º 241 do vigesimo anno da revista quinzenal «El Eco Franciscano» correspondente a 15 de Setembro de 1903. Publica-se em Santiago da Galliza, sob a direcção dos religiosos da ordem franciscana.

—O n.º 1709 do anno XXXIII da «Revista Popular» semanario illustrado que se publica em Barcellona.

E' correspondente ao dia 10 de Setembro de 1903.

—O dr. Phobus ou um politico catholico como ha muitos— Com este titulo acaba a administração do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* de publicar um folheto de 65 paginas, conto de P. Suau, extrahido da revista *Etudes*.

N'aquelle conto ha muito que aprender. N'elle são habilmente retratados os catholicos «pelo cerebro e pelo coração», muito amiguinhos da Igreja, mas que, na primeira occasião, se vendem a quem mais dá, tornando-se os mais perniciosos inimigos da Igreja.

O auctor pinta personalidades da França. Por cá tambem os ha com o mesmo feitio e firmeza de convicções. Leiam o folheto, e digam-nos se não parece que o auctor veio estudar o seu protagonista em Portugal.

Cada exemplar custa 60 reis; por 10 exemplares dão-se 11; por 25, 28; por 50, 60. Pedidos, acompanhados da importancia, á administração do *Novo Mensageiro*, rua do Quelhas, 6—Lisboa.

Agradecemos a offerta.

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

Ora, existe effectivamente no homem aptidão para conhecer a Deus, logo a união do homem com Deus é directa. E como Deus é o summo bem, e o homem pela sua natureza tem de o conhecer; e como, tendo conhecimento do summo bem, não pode deixar de o desejar, e não terminando o desejo senão com a posse, segue-se que o fim do homem é possuir a Deus; fim do seu desejo com satisfação plena, porque além do summo bem nada mais se pode desejar. Se assim não fôra, o homem teria um desejo natural, que não poderia satisfazer, o que repugna á sabedoria e bondade infinitas, porque a obra seria imperfeita, e o homem creado para soffrer sem culpa. (1) Por tal modo possuir a Deus é o mesmo que amal-o, porque não pode deixar de se amar o que é pleno gozo, e como tambem não pode deixar de se adorar o que assim se ama, segue-se: que o fim do homem é amar e adorar a Deus, porque n'isto está a satisfação plena do desejo, com que cumpre o seu destino.

Compreende-se bem o modo de cumprir este destino no Paraiso. Deus ahi appareceria ao homem; este o via, não de um modo continuo, mas intermittente, e como que regularmente periodico, do que dá idéa o Genesis, dizendo: «que o Senhor Deus passeava pelo Paraiso depois do meio dia, quando se levantava a viração (III, 8).» — Quando o via, a satisfação do homem devia ser completa; na ausencia, que era o tempo da provação, devia sentir o desejo de o tornar a ver; mas para o satisfazer era necessario, que esse desejo não fosse supplantado por algum outro, que lhe fizesse quebrantar a obediencia, que lhe tinha sido imposta, e que era como a lei da sua conservação.

Vê-se, pois, que a condição da vida do homem no Paraiso não era de confirmação na graça, porque se o fora, elle não teria caído; mas sim de habilitação a essa confirmação; para conseguir a qual era necessario merecel-a. Eu me explico segundo a comprehensão da minha razão.

Deus creou o homem ser intelligente e livre, revestindo-o de grande dignidade; mas por isso mesmo responsavel pelos seus actos; a responsabilidade como consequencia da liberdade, esta como predicado da intelligencia. E' certo que a toda a dignidade anda annexa uma certa responsabilidade; responsabilidade de que para o individuo resulta o merito ou o demerito. Ora o merito no homem consistia na obediencia; obediencia com que honrava a Deus mostrando-se d'est'arte digno do grande beneficio do mesmo Senhor recebido, ao mesmo tempo que conseguia o ditoso fim para que fora destinado. Vamos ver como e porque.

Deus, quando creou o homem, habilitou-o a viver como lhe tinha prescripto; prohibiu-lhe, porém, que procurasse saber mais do que lhe tinha ensinado, que era tudo o que lhe convinha, e era necessario; do que o Genesis dá idéa na prohibição de comer do fructo da arvore

(1) Esse tormento deve ser o dos reprobos, mas pelo merecerem; porque devendo o homem conhecer a Deus, pelo menos no dia do juizo final, em que ha de apparecer na sua gloria; e como conhecendo-o não se possa deixar de desejar possuil-o; a impossibilidade d'essa posse deve ser um tormento de uma intensidade na razão directa do bem, que se deseja; e como esse é o summo bem, um tal tormento deve ser o maior supplicio!— Senhor Deus! Misericordia!

da sciencia do bem e do mal. Comprehende-se a importancia d'este preceito; pois que antes de ser o homem confirmado na graça,—confirmação que parece consistir na intuição clara, directa e permanente da verdade, ou de Deus, como a teem os Anjos,—podia facilmente ser illudido, o que lhe devia ser summamente desastroso, como de facto aconteceu. Não se contentou o homem com o que se pode chamar a sciencia da sua conservação, e que o dirigia ao seu fim natural; e abusando da sua liberdade quiz passar além, e desgraçou-se; porque não podia conhecer o mal sem o soffrer, e ficou então conhecendo o valor do bem, que tinha perdido, isto é, ficou com perfeito conhecimento do bem e do mal.

Parece que uma das notas da nossa infeliz condição na terra tem intima ligação com este procedimento do primeiro homem no Paraiso, ou com o peccado original, qual é a de não conhecermos o valor e a importancia do bem, senão depois de o perdemos, e termos experimentado o mal, o que realmente denota um estado anormal, ou não natural. Chega até a fruição continuada de qualquer bem a produzir em nós a saciedade, e a tornar-se em semsaboria; mas note-se, que isso somente succede, quando nos não orienta a fé, e não fazemos d'esse bem o uso, que ella nos indica, que é sempre no sentido de conseguirmos o nosso fim, ou a nossa salvação, e de cooperarmos para a dos outros. Tal qual aconteceu ao primeiro homem, segundo o ensino da fé, que a razão comprehende muito bem, porque está d'accordo com o que sabemos pela observação e experiencia. Afastou-se o homem da senda, que o dirigia ao seu fim, isto é, á posse do summo bem com a confirmação na mesma posse, e perdeu-se.

Vamos ver como isso succedeu segundo a doutrina revelada.

Creou Deus o homem no estado de felicidade, mas impoz-lhe um preceito, que consistia, segundo o Genesis (II, 17), em não comer do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal, porque, quando o fizesse, morreria. A razão comprehende a importancia d'este preceito, que symbolisa a lei, segundo a qual o homem devia viver. Na natureza d'esta lei encontra-se uma idéa clara no Ecclesiastico, como se vae ver:

«Deus creou o homem desde o principio e o deixou na mão do seu conselho.»

«Elle lhe deu mais os seus mandamentos e os seus preceitos; se tu quizeres observar estes mandamentos, e guardar sempre com fidelidade o que é do agrado de Deus, elles te conservarão.»

«Elle poz diante de ti a agua e o fogo: lança a tua mão ao que quizeres.»

«Diante do homem estão a vida e a morte, o bem e o mal; o que lhe agradar, isso lhe será dado (1).»

«Creou n'elles a sciencia do Espirito, encheu de senso os seus corações, e mostrou-lhes os males e os bens.»

«Accrestou-lhes a disciplina, e deu-lhes em herança a lei da vida.»

«Fez com elle um pacto eterno, e lhes mostrou a sua justiça, e os seus juizos (2).»

Vê-se, pois, que a lei dada ao homem no Paraiso era lei de conservação, e que pertencia ao mundo intellectual, porque lhe estava annexa a sciencia do espirito e a liberdade. O que se acha aymbolisado nos fructos do Paraiso. De todos o homem podia comer, excepto um; quer dizer, era-lhe licito saber só o que tendia a conserval-o e encaminhal-o ao seu fim, e nada mais.

A serpente, diz ainda o Genesis (III, 16), o animal mais astuto da terra, dirigindo-se á mulher que Deus ti-

nha formado de uma costella do homem, disse-lhe, que aquella prohibição tinha por fim conserval-os na ignorancia do que lhes convinha saber, para que se tornassem eguaes a Deus, e que podia comer d'esse fructo sem receio, porque não morreria; e diz mais, que a mulher, vendo que a arvore era boa para comer, e formosa aos olhos e delectavel á vista, tirou do fructo e comeu, e deu a seu marido, que tambem comeu. O resultado foi, segundo ainda o Genesis, serem condemnados por Deus a perderem a felicidade, que gosavam, a passarem uma vida de trabalhos, e a morrerem. (Continua).

ANNUNCIOS

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado 2\$300 reis
Encadernado 3\$000 »

A' venda na Typographia do editor **José Fructuoso da Fonseca**—Rua da Picaria, 74—PORTO.

Vade-Mecum

do Seminarista

(Tradução livre)

Preço 200 réis

A' venda exclusivamente na Typographia do editor **JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**—Rua da Picaria, 74—Porto.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas douradas 500 »
Em chagrin, douradas 1\$000 »

A' venda na Typographia do editor **JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**—Rua da Picaria, 74—Porto.

Summario do Registo Parochial

POR

Antonio José Lopes da Luz

Vigario de Candelaria, Ponte Delgada, Açores

Preço 400 reis

Pedidos a Monsenhor Elviro dos Santos, Prior de Santa Engracia—LISBOA.

(1) XV, 14 a 18.

(2) XVII, 6, 9 e 10.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . . 400 reis

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc. . . . 250 reis
Douradas 500 »

Vieira-Prégador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral 2 vol. broch. 2500

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

O postolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o su nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Cahecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approved e recommendado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 15000 réis. Um exemplar. 20

Bento José Labre—Tributo de respeito no seu primeiro centenario, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. 400

A Questão dos Jesuitas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. 600

Historia de S. Francisco de Sales pelo Marquez de Ségur. Traduzida por M. Fonseca—1 vol., brochado 600

Uma Visita a Lourdes pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães 1 vol., broch. 200

A Mulher. Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—1 vol., brochado 400

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. . . . 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 . . . 40

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. . . . 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 40 reis—Em latim e portugez . . . 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar . . . 40

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. . . . 900

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Snr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. . . . 250

Defesa da crença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. . . . 500

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do bom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Ex.^{mo} Snr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. . . . 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Snrs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio. . . . 740

Tudo por Jesus ou caminhos faceis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. . . . 800

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. . . . 400

Vida popular de S. Vicente de Paulo—pelo Padre Berhigner, conego honorario de Bordeus e Arcypreste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. . . . 400

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74 — PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portugezas.